

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA - PEDAGOGIA

Scheyla Cristina da Silva Limas

DISCIPLINAMENTO E SUBJETIVAÇÃO:
ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciane Uberti

Porto Alegre
Dezembro/ 2013

Scheyla Cristina da Silva Limas

**DISCIPLINAMENTO E SUBJETIVAÇÃO:
ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Luciane Uberti

Porto Alegre

2. Semestre

2013

Dedico esse trabalho a minha querida família por me apoiarem e acreditarem que eu era capaz. Ao meu marido por todo suporte, amor e carinho quando mais precisei. Em especial dedico aos meus queridos alunos que me fizeram acreditar que eu era capaz, através de cada uma de suas aprendizagens, que se mostrava em cada rostinho radiante.

Ao concluir esse trabalho agradeço...

... a Deus por sempre ter me dado força, coragem e animo para vencer cada obstáculo.

...aos meus pais por nunca terem medido esforços para me ver realizar o sonho de ser professora.

...as minhas irmãs que muito me ouviram falar sobre meus trabalhos acadêmicos.

... ao meu marido pela compreensão, apoio e ajuda sempre que precisei.

... as meus familiares por me apoiarem e torcerem por mim.

... aos amigos por todos gestos e palavras de animo e encorajamento.

... aos meus líderes espirituais, que me conduziram me ensinando a confiar em Deus em todos os momentos.

...Em especial a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória de discente, ajudando a constituir a docente que sou hoje.

...também quero agradecer a minha orientadora que acreditou no meu potencial e me conduziu da melhor forma a realizar esse trabalho.

... aos muito alunos da minha vida que ensinei e aprendi, saberes tão ricos e diferentes, trocas que deixaram marcas em mim para toda uma vida docente.

... também não poderia deixar de agradecer a instituição que me acolheu possibilitando a minha formação.

Resumo

O presente trabalho de pesquisa teve por objetivo compreender a forma pela qual ocorre a experimentação das relações de poder entre professor e aluno em sala de aula, bem como analisar os efeitos desse poder desde o ponto de vista de sua produtividade, isto é, o que produz de efeito de subjetividade no processo de escolarização. Busca, assim, fazer uma análise de discurso tal como proposto por Michael Foucault, tomando como material de análise as respostas de uma entrevista dirigida a professores e o diário de campo do monitor de disciplina de uma escola de Porto Alegre. De acordo com os estudos foucaultianos as relações de poder implicam resistência, pois os sujeitos apresentam diferentes reações diante dos mecanismos de poder. A partir do presente estudo, considerando os limites dessa pesquisa, foi possível perceber que as relações de poder geram a indisciplina, na medida que os mesmos mecanismos que se estabelecem para subjetivar os alunos são os que despertam a resistência.

Palavras – chaves: poder, resistência, subjetividade

Sumário

1.APRESENTAÇÃO	9
2.POR QUE DISCIPLINAMENTO E SUBJETIVAÇÃO?.....	13
2.1 Poder e resistência	14
2.2 O tempo, a organização espacial e a ordem a favor da disciplina.....	17
3.APORTE METODOLÓGICO: ANÁLISE DE DISCURSO	20
4.RELAÇÕES DE PODER E ESTRATÉGIAS DE CONFRONTO.....	22
4.1 Poder e disciplina	23
4.1.1Aqui nessa turma é assim:.....	23
4.1.2Na escola se disciplina para vida em sociedade	25
4.2Mérito e punição	26
4.2.1 Divulgação de punição	26
4.2.2 Gratificação – sansão.....	28
4.3 Resistência e confronto	30
4.3.1 Jogo de confronto.....	30
4.3.2 Juntas somos mais fortes!	32
4.4 Adestramento e vigilância: controle de tempo e espaço	33
4.4.1 Distribuição estratégica	33
5.POSSIBILIDADES DE SUJEIÇÃO	35
6. REFERÊNCIAS:.....	37
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	39
APÊNDICE B - Questionário realizado com os professores	40

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de pesquisa foi realizado em uma escola de Educação Básica da rede privada de Porto Alegre e teve por objetivo compreender de que forma se dá as relações de poder entre professor e aluno. Procurei compreender quais mecanismos se estabelecem nessas relações produzindo efeitos de subjetividade na escolarização dos sujeitos, bem como, quais discursos permeiam as formas de disciplinamento na escola. Para tanto, me apoiei nos estudos de Michael Foucault, que me proporcionam um suporte teórico para perceber os inúmeros dispositivos que convidam o indivíduo a sujeitar-se ao jogo do poder.

Em um primeiro capítulo *Por que disciplinamento e subjetivação?* trago as considerações sobre a escolha do tema, considerando minhas experiências profissionais e acadêmicas que me instigaram a refletir sobre as relações de poder na escolarização, tal como é proposto para um trabalho de conclusão de curso. Faço, desta forma, uma costura entre minhas vivências e o aporte teórico que utilizei, qual seja, os estudos de Michel Foucault referentes à governo e subjetivação.

Na primeira seção, intitulada *Poder e resistência*, faço uma reflexão sobre as relações de poder e as formas de resistência, refletindo de que maneira esses dois polos constituem o jogo do poder, considerando que é uma relação de forças e luta. Entendo que o poder ao mesmo passo que procura subjetivar o sujeito aos modelos de verdade instituídos pela sociedade, também fornece condições de o sujeito apresentar diferentes reações à sujeição.

Na segunda seção, *O tempo, a organização espacial e a ordem a favor da disciplina* faço uma reflexão sobre os diferentes mecanismos que o poder apresenta para moldar o sujeito. Problematizo a forma como a escola utiliza dispositivos naturalizados de disciplinamento para controlar a organização do tempo e do espaço. Tais mecanismos produzem uma padronização de comportamentos contribuindo para a subjetivação dos alunos de acordo com as verdades pedagógicas necessárias à organização da escola.

Num segundo capítulo, intitulado *Aporte metodológico: análise de discurso* indico a forma pela qual conduzo a pesquisa por meio do aporte foucaultiano sobre análise de discurso. O material de análise que constituí esse recorte de estudo são os discursos sobre a disciplina na escola, tendo como material empírico o diário de campo das turmas, bem como, o questionário estruturado realizado com os professores que possuem regência de turma.

O capítulo terceiro *Relações de poder e estratégias de confronto* consiste na análise propriamente dita, subdividido em quatro seções. Faço um exercício a partir das inúmeras ocorrências de indisciplina dos alunos frente às relações de poder. Percebo nos diferentes mecanismos de poder as estratégias de confronto que os alunos buscam. Por isso que se pode dizer que o poder é uma relação de forças e luta, pois ao passo que o poder se estabelece para subjetivar os alunos os mesmos alunos produzem diferentes reações a essa subjetivação.

Na seção *Poder e disciplinamento* abordo uma linha de análise no qual o poder e disciplina estão visíveis nas relações de poder em determinadas ocorrências na escola. Na primeira subseção *Aqui nessa turma é assim* apresento o discurso de uma determinada professora em relação à posição que o professor deveria ter diante da turma. Além disso, analiso as formas de disciplina que o docente usa para alcançar a ordem que compreende como adequada para o espaço escolar. Na segunda subseção *Na escola se disciplina para vida em sociedade*, reflito a partir dos discursos e posturas dos professores sobre a forma como a escola percebe seu papel na preparação dos sujeitos para vida em sociedade.

Dando continuidade as análises, na seção *Mérito e punição* inicio uma linha analítica sobre as formas de punição utilizadas para moldar os alunos aos padrões escolares, bem como os méritos que são dados a alguns pelo comportamento disciplinado na escola. Na primeira subseção *Divulgação de punição* verifico instrumentos utilizados para punir os alunos pelos comportamentos inadequados na escola, instrumentos que usam de pequenas humilhações e exposições dos sujeitos com o objetivo de punir e corrigir tais atitudes, buscando reduzir os desvios de comportamento. Na segunda subseção *Gratificação – sanção*, continuando o exercício de análise, indico outro mecanismo de poder usado para disciplinar os alunos. Trata-se de um recurso de adestramento no qual o professor utiliza o mesmo dispositivo para punir e gratificar.

Na seção intitulada *Resistência e confronto* abordo outra linha de análise, na qual busco verificar as diferentes formas de resistência que os alunos apresentam diante dos dispositivos de poder. Na primeira subseção, *Jogo de confronto*, analiso relações de forças na qual há uma resistência do aluno a sujeitar-se ao poder do professor, bem como, o professor por sentir-se com a autoridade contestada diante dos alunos. Na segunda subseção, *Juntas somos mais fortes!* também apresento a resistência como estratégia de

confronto, demonstrando que a cada resistência surge a necessidade de outro mecanismo de poder.

Na última seção de análise, intitulada *Adestramento e vigilância: controle de tempo e espaço* busco refletir sobre os mecanismos de adestramento e controle que são utilizados em algumas salas de aulas. Na subseção *Distribuição estratégica*, indico que o uso do controle de espaço dos alunos também é um mecanismo de poder. Tornar a turma em objeto de observação é um instrumento que coage os alunos a não ter nenhuma atitude inadequada, pelo receio de serem vistos. Essa visibilidade é proporcionada pelo formato de organização das salas.

Finalmente, no último capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso, que se intitula *Possibilidades de sujeição*, a presente pesquisa faz uma retomada do que buscou analisar durante o estudo. A partir da investigação realizada, foi possível compreender que o poder produz a indisciplina, que gera novas formas de resistência à sujeição aos discursos de verdade que constituem e são constituídos pela escola. Na pretensão de responder a pergunta desse estudo, compreendo que as relações de poder se dão de diferentes formas na escola, não em uma escala hierárquica, na qual sempre o poder está em uma posição privilegiada, mas em uma forma aberta a possibilidades, pois o poder é produtivo, fornece diferentes condições do indivíduo tornar-se sujeito.

2. POR QUE DISCIPLINAMENTO E SUBJETIVAÇÃO?

A partir das observações realizadas em sala de aula ao longo do curso de Pedagogia, na faculdade de educação da UFRGS, bem como as vivências profissionais em uma escola privada de Porto Alegre foi possível perceber as relações de poder que fazem parte da prática docente nas escolas. Sendo assim, parto do pressuposto que existe uma relação de poder do professor para com os alunos de forma implícita, por meio de um jogo de persuasão através do planejamento didático - pedagógico e da ação docente.

Lembro-me que durante o 6º semestre da faculdade ao realizar uma das observações da semana de práticas pedagógicas, deparei-me como uma situação de docilidade – utilidade, termo que Foucault (1987) usa para caracterizar um corpo que pode ser submetido, que pode ser moldado de acordo com o meio e as regras impostas. Foi possível identificar tal situação ao perceber que um dos alunos, que era considerado pela professora o mais “*agitado*”, sentava-se separado de toda turma, enquanto todos sentavam-se em grupos ou duplas. Ao questionar a docente fui surpreendida com a seguinte resposta: *Ele sempre incomoda muito, essa foi à única forma que encontrei de controlá-lo.*¹ Além disso, sempre que o aluno pedia para sentar-se com os colegas era persuadido a pensar que se sentava separado do grupo e próximo a professora para auxiliá-la, ou seja, a professora usava de um mecanismo para torná-lo útil moldando-o conforme as regras do meio. De acordo com Foucault (1987 p.127) Atitudes como essa podem ser compreendidas como “não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente.” Assim a professora controla o aluno impondo a disciplina sem que ele perceba que está se sujeitando.

A cena narrada acima, bem como os discursos que presenciei em vivências profissionais caracterizo como um ato de “disciplinamento dos corpos”, pois quando por exemplo, uma professora diz: *Aqui nessa turma é assim: Senta! Fica quieto! Faz atividade! Você nunca pode dar mole para eles.* Percebo em seu discurso e na sua própria ação a imposição da disciplina.

¹Neste trabalho optou-se por referir as falas dos professores e dos alunos em itálico e, as citações e referências teóricas entre aspas.

Esses discursos e ações instigaram-me a pesquisar de que forma ocorre à relação de poder e disciplinamento em sala de aula e quais mecanismos os professores utilizam a partir da ação docente para que consigam estabelecer a disciplina. Considerando que,

Mais do que analisar as práticas inseridas no cotidiano da escola, deveríamos ser capazes de problematizar tais práticas, entender como se construíram, se regularam e por que, para assim obter uma possibilidade de análise das subjetividades que constitui nossa própria existência. (NOGUEIRA, 2009, p.212)

Sendo assim, esta pesquisa pretende não somente compreender a forma como se dá as relações de poder entre o professor e o aluno em sala de aula, como analisar os efeitos desse poder desde o ponto de vista de sua produtividade, isto é, o que produz de efeito de subjetividade nos alunos.

Para desenvolver esta investigação, a pergunta que norteia o presente estudo é: De que forma ocorrem as relações de poder e resistência entre professor e aluno na escola?

2.1 Poder e resistência

Para desenvolver esse estudo apoio-me teoricamente em Michael Foucault, pois para o filósofo o sujeito é o resultado de um investimento discursivo, considerando que “a disciplina funciona como técnicas que fabricam indivíduos úteis” (FOUCAULT, 1987, p.185) Sendo assim, no contexto escolar a educação ocorre como um mecanismo que tenta produzir determinados tipos de indivíduos, que tenham determinadas características, ou seja, que correspondam a identidade projetada pela escola e pela sociedade.

De acordo com VEIGA – NETO (2000): “a escola moderna foi sendo concebida e montada como a grande — e (mais recentemente) a mais ampla e universal — máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e, assim, torná-los dóceis.” Se constituiu como um espaço de poucas falas, de disciplina, obediência e reprodução, no qual os alunos são moldados conforme o meio.

O poder, ao passo que tenta reprimir, fornece condições de resistência para o sujeito, pois “é preciso considerar que nenhuma relação de poder experimentada entre os sujeitos escolarizados ocorre sem insubmissão e resistência.” (UBERTI, 2007, p.154). Isto porque o poder é exercido somente sobre sujeitos livres que possuem a liberdade de resistir ao jogo de poder. Essa resistência é o que redireciona a ordem incitando novas estratégias

no jogo do poder. Quero dizer que, no exercício de poder é que se estabelece a liberdade da resistência.

Na escola, os alunos são moldados para um determinado modelo que tem valor de verdade na sociedade. Para assegurar tal modelamento são utilizados mecanismos sutis, que controlam “o espaço, o tempo, as regras, o modo de vigilância [...] as ocorrências, o que deve ou não fazer e saber, o que é verdadeiro e o que é falso, os corpos físicos e as subjetividades dos alunos.” (NOGUEIRA, 2009, p.212). Por meio desses mecanismos de poder os alunos são subjetivados, contudo, essas “formas de subjetividade escolarizada estão sempre em luta consigo mesma e com as demais formas de subjetivação possíveis.” (UBERTI, 2007, p.154) O fato de existir mecanismos de controle, não inibi a resistência do aluno a tais mecanismos de subjetivação e a cada resistência cria-se a necessidade do uso de outro dispositivos de poder.

O poder não ocupa um lugar privilegiado, no qual se sobrepõe aos indivíduos e os faz aceitar a imposição. O poder é constituído de uma força de verdades discursivas que é estabelecida para o sujeito sobre o qual se exerce o poder. Quando para esse sujeito, essa verdade passa a não ser legítima, apresenta-se a resistência. O indivíduo é sujeito a si e sujeito ao outro. Sujeito a si pela sua identidade aos princípios que constituem sua subjetivação e sujeito ao outro pelos mecanismos de poder e hierarquia pois “há dois significados para palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a.” (FOUCAULT, 1995, p.235)

Nossas escolas funcionam como um espaço de padronização de comportamento, por meio das formas de subjetivação propostas, no qual os alunos são desde cedo disciplinados em suas ações, discursos, posturas e saberes. Um exemplo comum são as salas de aula organizadas de maneira padronizada, na grande maioria das vezes, com as classes umas atrás das outras ou organizadas de forma que possibilite o controle do grupo. O uso de uniforme e a forma como os alunos são avaliados e observados também são mecanismos de disciplinamento. Contudo, essa relação de poder existe porque a disciplina produz benefícios, produz saber, produz novas possibilidades de ser sujeito, pois essa relação de poder “fornece condições de resistência às formas de sujeição.”(UBERTI, 2007,p.5)

Segundo Foucault (1987, p. 126) “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou

obrigações”, dessa forma compreendo que a sociedade é formada por regras, obrigações e delimitações que nos são impostas desde muito cedo para que possamos desenvolver relações sociais. Sendo assim, a escola como um espaço de educação e ensino, busca maneiras de inserir, na vida do aluno, a disciplina e sua importância por meio da docilidade, por meio da submissão que funciona como uma ferramenta de controle e disciplina. Isto é, o objetivo da disciplina escolar é “assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (FOUCAULT, 1987, p. 181).

Nessa perspectiva ressalto que a escola não usa a disciplina de forma violenta, mas sim ela age de forma aceitável, uma vez que, o aluno se sujeita em uma relação de troca, compreendendo que a disciplina é importante para beneficiá-lo. Foucault (1995, p. 243) explica essa diferença:

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro polo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas; reações, efeitos, invenções possíveis.

As relações de poder na escola se dão de forma diferente da violência, pois elas funcionam como um mecanismo de adestramento, transformando assim o corpo dócil em útil para a sociedade.

A partir de discursos de verdade que permeiam a escola se estabelece um modelo de sujeito não qual os alunos precisam adequar-se. Os mecanismos de subjetivação se estabelecem “[...] como princípio de coerção, de controle, e com ele o poder de regulamentação.” (NEPOMUCENO; MASCIA, 2010, p.90) Com isso quero dizer que, o aluno é moldado, para que o poder seja exercido sobre ele de forma naturalizada. O espaço escolar utiliza mecanismos para a fabricação de sujeitos dóceis, mecanismos como o tempo e a organização espacial, bem como avaliações e outros tipos de medições que servem para observar, vigiar e controlar os alunos. Nessa relação de poder, na qual a escola busca adestrar seus sujeitos ela confronta-se com a resistência dos alunos. Essa resistência é uma recusa à subjetividade que a escola tenta produzir nos alunos, ou seja, a resistência é a luta por uma nova subjetividade.

A relação de poder é uma relação de forças e luta. A partir das da disciplina e dos mecanismos que são utilizados abrem-se diferentes possibilidades de reação à sujeição.

A resistência, por sua vez, está intimamente relacionada ao poder, pois o poder não é considerado dominação e sim uma relação de forças, isso ocorre porque existe a possibilidade de criação e de diferentes respostas aos mecanismos de poder. Essa luta constante acontece porque as próprias práticas de resistência originam novas formas de poder. Quando surge a recusa é necessária a busca de novos mecanismos para o jogo de poder.

2.2 O tempo, a organização espacial e a ordem a favor da disciplina

O tempo na escola é compreendido como único a todos, no qual não há tempo individual, ao contrário, uns tem que se adequar aos outros para estabelecerem o padrão. Na escola o tempo precisa ser ocupado, não importa de que forma, seja aprendendo ou ensinando, existe um mecanismo de poder pressionando que o tempo escolar seja controlado e administrado em sala de aula, em uma busca de aceleração no processo de aprendizagem. O importante é “extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis” (FOUCAULT, 1987, p.140).

Da mesma maneira a organização espacial também faz parte dos mecanismos de ordenação disciplinar, na qual há uma preocupação com o lugar dos indivíduos, de que maneira serão organizados. Isso remete aos conhecidos “espelhos de classe” usados na grande parte das escolas a fim de organizar o espaço de sala de aula, controlar e separar os alunos “bons” dos considerados “ruins”. Os alunos considerados “bons” são os disciplinados e os considerados “ruins” são os que resistem a disciplina.

Ao entrar em uma sala de aula é possível primeiramente visualizar a organização espacial, algumas vezes, com carteiras em fila indiana, outras vezes em forma de “U” ou círculos. Independente do formato de organização da sala, podemos observar, na grande maioria das vezes, que existe uma divisão naturalizada, na qual os bons alunos encontram-se sentados à frente, os alunos menos disciplinados ao meio e os alunos indisciplinados atrás. Podemos inferir que isso se dá por que, “na escola, cada individuo se define pelo lugar que ocupa na série, pela posição nas filas, pelas tarefas, provas, sucessões de assuntos.” (GUIMARÃES, 1985, p.30) O mecanismo de controle espacial que a escola usa serve não somente para vigiar e controlar os alunos como também para isolá-los, para assim comparar e avaliar seus desempenhos e habilidades individuais.

A partir da perspectiva colocada por esse trabalho, o poder não é algo que possa persuadir a todos, pois isso seriam escravidão e violência, entende-se que

o poder é diferente da escravidão, pois não se fundamenta numa relação de apropriação de corpos [...] Diferente também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica [...] Diferente da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada [...] (FOUCAULT, 1987, p.127)

O poder é uma relação de forças e luta que implica resistência, abrindo diferentes possibilidades à sujeição.

A disciplina é um mecanismo pensado para manter a ordem, para banir a desordem seja na escola, nas instituições penais ou em qualquer outra instituição. A sociedade busca constantemente manter-se organizada e, para isso, estabelece padrões, incluindo os que se encaixam e excluindo os que não se adaptam.

Compreendo que a disciplina para Foucault (1987) é uma fábrica de sujeitos dóceis, pois por meio dos mecanismos do poder ela submete o indivíduo aos padrões da sociedade. O objetivo da disciplina é ao mesmo tempo aumentar a utilidade do sujeito e reduzir a resistência que o corpo pode apresentar aos dispositivos de poder. Tornando o sujeito tanto mais produtivo quanto mais submisso. Contudo ela não age de forma violenta por meio da imposição, mas ela tem como objetivo principal fazer com que o próprio sujeito tenha domínio sobre seu corpo e suas ações.

Dessa maneira, podemos inferir que a ordem, de acordo com Ratto (2007) é um conceito que foi pensado e inventado na modernidade, pois à medida que ela foi sendo pensada em forma de padronização do ser humano a desordem foi tornando-se um empecilho para o crescimento e o progresso da humanidade. A ordem passou a ser padronizada, sendo a única verdade possível, sem espaço para outras formas de ordem, ou seja,

a existência moderna não pensa a ordem em meio a outras ordens possíveis. Aquilo que funciona como ordem, ao banir a ambiguidade de seu terreno, elimina também a possibilidade de algo ser também alguma outra coisa fora ou além do que foi definido. (RATTO, 2007, p.497)

Assim, a disciplina tornou-se um instrumento para manter essa organização, que não aceita outro modelo de ordem.

Percebo que a escola procura estabelecer essa organização de forma disciplinada, pois compreende que seu papel é preparar o indivíduo para uma vida em sociedade. Sociedade essa que aceita apenas um valor de verdade como padrão. Pode-se dizer que “[...] uma das tarefas a ser realizada na escola é justamente a de possibilitar aos alunos os recursos e os valores que a sociedade espera encontrar em seus cidadãos [...]”

(GOTZENS, 2003, p. 61) A escola acredita ter como tarefa a construção do modelo de cidadão aceito pela sociedade.

3. APORTE METODOLÓGICO: ANÁLISE DE DISCURSO

Esse trabalho de pesquisa utiliza a análise de discurso, tal como proposta por Michael Foucault, como metodologia de análise. O que pretendo apresentar neste capítulo é a metodologia que utilizo para desenvolver o presente estudo e de que forma se constitui esse campo de análise.

De acordo com os estudos Foucaultianos é importante realizar uma análise que não seja fragmentada em meras comparações entre prática e teoria, mas que seja um trabalho no qual exista uma costura entre todas as partes, tanto o material empírico quanto os conceitos filosóficos de Foucault, considerando que “seu aporte teórico oferece uma perspectiva de análise que pode e deve ser tomada como um instrumento próprio do ofício de pesquisa, como um meio de executá-la [...]” (UBERTI, 2007,55). Não há um distanciamento entre o material de pesquisa e a teoria sobre a qual me apoio e, sim, conceitos que vão surgindo à medida que análise vai sendo construída. Na tentativa de desenvolver uma pesquisa que não tenha divisões entre o material de análise e o aporte teórico é que utilizarei como ferramenta os conceitos Foucaultianos.

O material de análise é o discurso sobre disciplina na escola, mas o material empírico foi os discursos coletados durante os meses de agosto e setembro de 2013, na escola de ensino privado na qual eu exerço profissionalmente a função de monitoria de turmas. As ocorrências analisadas de qual extraí os discursos são de turmas de ensino fundamental II, entre 6ª a 8ª série. Uma vez que, o trabalho que desenvolvo como monitora restringe-se as turmas dessas respectivas séries.

Como professora não possuo habilitação para esse nível de ensino, contudo, compreendo que, na profissão de pedagogos podemos ampliar nossa formação na área de gestão escolar, exercendo assim, a função de supervisão e orientação escolar, que abrange todas as etapas de ensino, desde a educação infantil ao ensino médio.

O material empírico foi coletado por meio do diário de campo da monitoria das turmas e do questionário estruturado que realizei com os professores que possuem regência das turmas pesquisadas. Sendo assim, os discursos e diálogos entre docentes e discentes serão o material que analisei junto ao questionário respondido pelos professores.

No conjunto desse material empírico, o diário de campo foi utilizado para extrair as diferentes relações de poder na escola e questionário realizado com os professores teve

o objetivo de apresentar os discursos que permeiam essas relações de poder no espaço escolar.

Junto a esse material de análise, buscarei desenvolver um campo analítico no qual exista uma coerência entre o material analisado e os conceitos abordados. Não na tentativa de trazer uma seleção de conceitos e tentar enquadrá-los, mas sim deixar que ao passo que análise se constitua os conceitos apareçam à medida que forem sendo relevantes para a análise do presente estudo.

O discurso para Foucault é tal qual é dito, não busca nas entrelinhas encontrar algum tipo de mensagem, código ou algo oculto. O discurso é uma série de acontecimentos, de verdades que constituem uma determinada forma de saber considerado válido em um determinado momento histórico. Quando um sujeito profere um discurso ele sanciona um conjunto de verdades que são princípios de um determinado tipo de acontecimento, seja ele político, econômico, pedagógico, institucional etc. Considera-se que, cada acontecimento social tem um valor, tem um significado que se constitui discursivamente em um determinado momento histórico. Portanto, “analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.” (FISCHER, 2001, p.198-199) Os discursos proferidos em diferentes épocas são verdades que constituem os discursos do sujeito no presente.

Isto é, compreender as relações que o discurso estabelece a partir do dito de um sujeito que constrói a verdade de um determinado discurso pelo qual ele também é produzido em um dado momento na história.

O sujeito que reproduz o discurso não é o mesmo sujeito que o fabricou, pois o discurso é a produção do meio e das organizações sociais de um determinado período histórico. De acordo com Foucault (1996, p.9) “o discurso é ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos, que tem por função conjugar seus poderes e perigos.” Ou seja, o discurso nada mais é que uma produção de um conjunto de verdades e ordens que constituem determinada sociedade. Não se pode falar o que pensa a qualquer momento, pois existe um princípio discursivo que nos aponta o certo do errado, separa e distingue o apropriado do impróprio, nos mostrando a todo tempo que não se pode falar qualquer coisa em qualquer momento ou lugar. É desta forma que se estabelece o discurso, que não é individual, mas é uma construção social.

Neste sentido que esta pesquisa tem como objeto de análise o discurso sobre as

relações de poder entre professor e aluno, visando compreender de que forma o poder opera por meio do discurso, considerando que o discurso “é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder.” (FOUCAULT, 2003, p.253). O discurso é um mecanismo de poder que delimita determinadas verdades como padrão para sociedade.

Ao realizar uma análise discursiva não busco uma maneira de decifrar o que se encontra por trás do discurso de cada docente ou discente, tampouco fazer uma comparação entre o que defendem na teoria e o quem fazem prática. Importa perceber as verdades que emergem de cada discurso, para descrever quais verdades fazem parte dos discursos na relação professor e aluno. Espero compreender assim, como um determinado sujeito faz de seu próprio discurso um dispositivo que seja capaz de convencer e submeter outros sujeitos ao seu poder.

A análise de discurso não é uma análise de frases sobre seus signos e suas estruturas, mas, sim, é uma análise a respeito de que lugares os sujeitos podem ocupar em determinados enunciados, pois a “relação do enunciado com um sujeito refere-se ao lugar que todo o indivíduo pode ocupar para assujeitar-se a um discurso.” (UBERTI, 2007, p.61) Não busco saber o que cada sujeito quis dizer com cada ato de fala, mas sim, a posição que ocupa, que o torna sujeito do discurso sobre disciplina na escola.

Assim, essa análise tem por objetivo deter-se ao que foi dito, não procurando encontrar vestígios de acontecimentos passados, mas verdades que constituem determinados atos de disciplina em momentos e situações específicas da sala de aula.

No capítulo que segue, inicio o exercício de análise dos discursos coletados a partir do material empírico. Procurei compreender, a partir das relações de forças em sala de aula, de que maneira o poder propõe formas de subjetivação aos alunos por meio da ação docente.

4.RELAÇÕES DE PODER E ESTRATÉGIAS DE CONFRONTO

As relações de poder se estabelecem a partir de discursos de verdade que são legitimados em um determinado momento e lugar. Quando essa verdade considerada legítima é questionada ou não é aceita para determinado sujeito apresenta-se a resistência. As relações de poder ao passo que se estabelecem elas abrem diferentes possibilidades à sujeição. Por isso, o poder não se dá de forma imposta, mas ele age de forma aceitável, ou seja, até onde o sujeito, sobre qual se exerce o poder, permiti que esse poder se exerça sobre ele.

Quando afirmo que o poder abre diferentes possibilidades de reações é porque o próprio poder gera estratégias de confronto como a resistência. Mas quando a resistência se estabelece nada mais resta ao poder, senão criar outras formas de sujeição, assim gera-se outros mecanismo de poder. Por isso que as relações de poder são relações de forças e luta, onde sempre há diferentes dispositivos de poder e diferentes estratégias de confronto.

Nas seções a seguir apresento diferente mecanismo do jogo de poder e inúmeras maneiras de sujeição a esses dispositivos.

4.1 Poder e disciplina

4.1.1Aqui nessa turma é assim:

Senta! Fica quieto! Faz atividade! Você nunca pode dar mole para eles. A professora ao ausentar-se da sala de aula, da uma orientação sobre como proceder com os alunos daquela turma enquanto estava ausente. Podemos analisar o que significa o discurso da professora naquele contexto.

A disciplina e a imposição da autoridade mostra-se no tom de sua voz e, em seu discurso a docente traz o modelo de comportamento que ela compreende como adequado para o ambiente de sala de aula. Estabelece assim uma estratégia de controle para o comportamento dos alunos, pois “as disciplinas estabelecem uma “infrapenalidade”; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos [...]” (Foucault,1987,p.159). Quero dizer que, a partir de

seu discurso a professora institui a forma como deve ser organizada e controlada a turma reprimindo, assim, qualquer comportamento contrário ao que ela acredita ser adequado.

Na medida em que a professora impõe a disciplina ao grupo ao mesmo passo os eles apresentam a resistência, que é visível em suas reações, uma vez que, assim que a professora se ausentou alguns alunos levantando-se diziam: *Essa professora parece um sargento!, ela não deixa a gente nem respirar, é atividade atrás de atividade.* Compreendo que a professora busca formas de manter a ordem na sala de aula, considerando que a turma é um grupo bastante grande e heterogêneo. Ela procura por meio de seu posicionamento e pelo controle do tempo e do espaço manter a ordem para assim poder ensinar seu conteúdo. Em meio ao caos da turma, que apresenta um comportamento bastante resistente às regras, seja da organização do ambiente escolar ou de convívio, a docente procura meios de conduzir o grupo à fuga do caos. Mas nessa tentativa, usa os mecanismos de poder que gera nos alunos uma resistência ainda maior tanto a ouvir o que é solicitado, quanto a fazer o que é proposto.

Nos comentários dos alunos podemos verificar a insatisfação dos mesmos com as estratégias usadas pela professora, bem como é possível perceber indícios que a docente não só usa de autoridade para se impor à turma, como explora ao máximo todo o tempo. Percebo isso no seguinte discurso: *ela não deixa a gente nem respirar, é atividade atrás de atividade.* Quando um dos alunos traz essa expressão, demonstra que o tempo é extraído ao máximo nas aulas, tanto que se sentem aliviados pelos segundos que a professora ausenta-se. Considero que,

na escola a utilização do tempo é intensificada, cada instante é ocupado por atividades determinadas e seguindo um ritmo que acelera o processo de aprendizagem e ensina o emprego da rapidez na passagem de uma operação a outra. Temos aqui o corpo do exercício, do treinamento útil, manipulado pela autoridade. (GUIMARÃES, 1985, p.32)

A escola se caracteriza como um espaço que usa como mecanismo de poder o tempo dos alunos para poder adestrá-lo e moldá-los conforme as regras da instituição. A professora busca, por meio das inúmeras atividades, controlar o grupo mantendo-os ocupados.

Entretanto, ao longo do trabalho de campo para esta pesquisa, percebi o quanto essa turma apresenta resistência à ordem da professora. Também percebi o quanto o grupo é exposto a situações de vigilância e controle aos extremos, ou ainda, a situações de constrangimento. Existe um fator importante a ser considerado nessa turma: o grupo

passou por muitas mudanças nesse ano letivo, pois vieram do ensino fundamental I, no qual a turma possuía outras características. Por exemplo, o recreio era separado do ensino fundamental II e ensino médio, as atividades comemorativas tinham outros enfoques e os campeonatos e outras programações eram diferenciadas. Além de que não possuíam professores por área, eram professores unidocentes. A partir de todas essas mudanças, o grupo foi se dispersando, pois as ordens direcionadas ao ensino fundamental II são diferentes da organização que a turma estava acostumada. As cobranças e formas de avaliação possuem outro formato, isso gerou os conflitos no grupo, pois a nova organização os desorganizou da verdade que já havia construído a subjetivação da turma.

Uma das possibilidades de análise é que os alunos, receosos com tantas mudanças e novos desafios, passaram a resistir em todos os mecanismos de poder que lhes eram apresentados, agindo com brigas, discussões e o não cumprimento de tarefas. O recreio e as atividades livres passaram a ser o momento de confronto entre eles, pois a mais simples brincadeira era alvo de conflitos físicos.

Talvez, por esse motivo, a cada volta de recreio alguns alunos acabavam na sala do SOE (setor de orientação escolar), assinando o livro de ocorrências, por inúmeros motivos como: brigas, discussões e brincadeiras inadequadas. Além disso, por muitas vezes demoravam a retornar para sala de aula após o intervalo, pois ficavam nos banheiros, na praça ou no bar da escola.

4.1.2 Na escola se disciplina para vida em sociedade

Percebo nos discursos e ações docentes uma preocupação dos professores em preparar os alunos para os padrões de comportamento que a sociedade exige. Uma das professoras traz um discurso que fortalece essa análise, pois ao perceber o “caos” em que se encontrava a classe de um aluno diz :

O que é isso? Tu precisa organizar teu material, as tuas coisas estão um lixo! Tu pensa que quando for trabalhar vai ser assim? A vida lá fora não é brincadeira o tempo todo, eu me preocupo como vai ser quando muitos de vocês saírem da escola!

A escola se percebe como uma fábrica de indivíduos socializados e espera que eles estejam prontos ao final da escolarização para serem aprovados com bons cidadãos, tal

como demonstra o discurso analisado acima. Sendo assim, compreendo que ao passo que a escola disciplina seu aluno como uma forma de docilidade, com o objetivo de moldá-lo por meio de regras e normas, da mesma maneira busca atingir a subjetivação do aluno, ou seja, procura inserir na formação do sujeito a importância da disciplina e ordem para além da escolarização, preparando o aluno para a vida em sociedade.

Isso é fortalecido no discurso de outra docente quando no questionário diz: *Além de darmos o conteúdo precisamos resgatar alguns valores que foram perdidos pela gurizada, tipo: obrigado, por favor, com licença e outros. O professor precisa “fazer o que os pais deveriam fazer.* Percebo aqui, que a professora demonstra preocupação com a subjetivação que está constituindo os alunos, pois acredita ser necessário que o professor faça um resgate de valores, que ela legitima como princípios para formação do cidadão. A escola preocupa-se na subjetivação de “bons cidadãos”, que possuam um comportamento padronizado com o que é tido como verdadeiro a sociedade.

4.2 Mérito e punição

4.2.1 Divulgação de punição

A escola tem o propósito de dividir com os pais as dificuldades, anseios e problemas relacionados a aprendizagem e comportamento dos filhos. Após muitas tentativas de conversa com os alunos e orientações com os pais, a escola tomou algumas decisões junto ao conselho de classe. As novas regras para a turma foram informados aos professores e funcionários da instituição por meio de informativo colado na parede. Este informativo contém as seguintes ordens:

Após a turma 61 apresentar várias indisciplinas no recreio, não dando ouvido as solicitações da escola, será penalizada:

- *Realizará fila para voltar do recreio;*
- *O futebol será suspenso do recreio, até que mudem suas atitudes;*
- *O espelho de classe será individual.*

Entendo que essas novas regras podem ter deixado os alunos ainda mais resistentes. Isso de tal forma, que um grupo reuniu-se e decidiram falar com o setor responsável pedindo que tais alternativas fossem revistas, embora nada tenha sido alterado. A turma demonstra o quanto se sentem constrangidos e o quanto não aceitam essas

penalizações, contudo, a escola busca meios de reorganizá-los e moldá-los ao padrão de comportamentos que acreditam ser adequado para o espaço escolar e para a sociedade.

Numa das solicitações que as alunas fazem a monitoria de turma, pediu que fosse feita uma conversa com o setor responsável, pois compreendia como uma injustiça terem que passar pelo constrangimento de fazer fila, ela afirma: *Isso não é justo, nós que não fizemos nada durante o recreio agora temos que ficar fazendo fila igual às criancinhas do pré, eu me sinto muito envergonhada. Isso me dá muita raiva!* É possível perceber nesse discurso o quanto essa aluna, representando a turma, demonstra sua indignação, ela diz que se sente envergonhada e quando compara sua turma com a pré - escola demonstra que o grupo sente-se diminuído em termos de idade e de maturidade. Para um determinado padrão metodológico essa organização de filas na escola é validada para os menores.

Podemos perceber, nessas relações de poder, pequenas formas de punição, que para Foucault (1987) podem ser compreendidos como processos sutis, mas que geram no sujeito um sentimento de humilhação e fazem das diferentes situações de indisciplina frações penalizáveis, uma vez que:

[...] é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora.(FOUCAULT, 1987, p.166)

Nesse contexto, posso afirmar que a fila deixa de ser uma simples forma de organização e passa a ser incorporada como uma atividade punitiva. Ela funciona apontando que, se os alunos não respeitam as regras, precisam ser expostos para assim, compreenderem como se dá a organização.

A fila, a suspensão dos jogos na hora do recreio, o espelho de classe, e as demais atividades que tem por objetivo a punição e disciplinamento, parecem despertar nos alunos ainda mais resistência, tornando a sala de aula por muitas vezes um caos. Dessa maneira, é possível perceber que os professores, ao assumirem essa turma para ministrar a aula, assumem também uma postura de hierarquia, na qual estabelecem as regras e procuram utilizar todo tempo do grupo com trabalhos e atividades que, de alguma forma, serão avaliados. Ao avaliar estão punindo os alunos indisciplinados, com notas baixas e recompensando os alunos disciplinados com boas notas.

Ao analisar os questionários respondidos pelos professores encontrei em seus discursos vestígios desse poder que avalia a todo tempo para punir e medir, ou seja, usa como uma “carta na manga” todo e qualquer tipo de atividade, para que assim o aluno seja pressionado a realizar as tarefas para não ser prejudicado nas notas e desempenho escolar. Percebo isso quando o professor afirma que é importante: *Mantê-los ocupados com foco na atividade solicitada e com compromisso de entrega pontualmente*. O discurso aqui analisado compreende como uma estratégia de organização da turma mantê-los voltados para as atividades e focados aos prazos de entrega para que, assim, possam ser avaliados com “boas notas”.

De acordo com Guimaraes (1985, p.31) “nas escolas, a divisão do tempo vai se tornando cada vez mais esmiuçante, impondo ritmo e regularidade às atividades.” Isto é, há um rigor na cobrança das atividades e do tempo utilizado para realização das mesmas para que os alunos assim utilizem ao máximo o tempo, não dando margem para perda de foco, ou seja, para a desordem.

Essa estratégia de avaliar todas as atividades feitas em aula é visível também no discurso de outra professora. Ela afirma: *Não deixo eles tomarem conta! Quando vejo que está demais já digo: e essa atividade é para entregar que eu vou avaliar. Rapidinho todo mundo resolve fazer!* Percebo que, quando os alunos resistem aos mecanismos de poder que a escola lhes impõem, os professores buscam maneiras de contorná-los - usando como estratégia a avaliação constante de todas as atividades propostas. Sendo assim, o professor ao mesmo tempo que está medindo o conhecimento dos alunos está punindo e controlando o grupo. Certamente porque “o exame combina a técnica da sanção que normaliza e da hierarquia que vigia [...] É um controle normalizante, uma vigilância que permite classificar, qualificar e punir.” (FOUCAULT, 1987, p.172)

Tais mecanismos de controle são utilizados para minimizar a postura de resistência da turma num dado jogo de relações de poder. Essas resistências que são compreendidas como afronta à escola e seus profissionais, mas se trata de uma forma de o sujeito expressar-se, é uma das produtividades do poder na escolarização.

O poder articula-se à verdade por meio de construções discursivas que constroem a subjetividade. A partir dos discursos de verdade que são estabelecidos na sociedade como princípios morais e éticos que distinguem o certo do errado, o bom do ruim, o verdadeiro do falso, o indivíduo constitui sua subjetividade, seus pensamentos, valores e princípios. Considero que, “[...] estamos submetidos à verdade também no sentido em

que ela é a lei, e produz o discurso da verdade que decide, transmite e reproduz, pelo menos em parte, efeitos de poder.”(FOUCAULT,1995, p.180).

4.2.2 Gratificação - sanção

Outro mecanismo utilizado pelos professores para disciplinar os alunos, pode ser entendido como o que Foucault conceitua por “gratificação - sanção” (1987). Por exemplo, quando o professor usa o mecanismo de controlar os lugares dos alunos separando a turma em trios, mas ao mesmo tempo proporciona que os alunos conversem entre si. Isso leva os alunos a acreditarem na legitimidade da organização da sala, pois essa organização não é ruim para o grupo, uma vez que eles têm liberdade de conversar entre si.

O docente nesse contexto, não usa de castigos para manter a organização da turma, mas por meio de uma troca, de uma gratificação. Destacando que os alunos considerados indisciplinados não se sentam em trios e nem tem a mesma liberdade do grupo para conversarem entre si, mas os que se submetem às regras do professor são beneficiados com a liberdade da conversa nos trios. De acordo com Foucault (1987, p. 168) “a punição na disciplina, não passa de um elemento de um sistema duplo: gratificação - sanção. E é esse sistema que se torna operante no processo de treinamento e de correção”. Ao mesmo tempo em que se gratificam aqueles que se sujeitam ao que é proposto, se pune aqueles que são indisciplinados, retendo os benefícios e recompensas. A própria recompensa de uns é a punição de outros.

Isso também ocorre quando analisamos a participação de alunos no campeonato internacional que a escola participa. Um dos principais pré-requisitos para os alunos participarem dos jogos é ter boas notas e ter entregue todos os trabalhos nas datas propostas. O comportamento na sala de aula e o convívio com os colegas também precisam estar de acordo com as normas estabelecidas pela escola. Um dos alunos vinha apresentando um comportamento inadequado para com as normas da escola e não havia realizado um dos trabalhos propostos pela professora de artes, dessa forma, não poderia estar autorizado a participar do campeonato.

O aluno ficou muito desapontado quando percebeu que seus colegas participariam do campeonato, mas ele não, por não ter cumprido uma das regras. Quando alguns alunos são privilegiados a ir aos jogos por terem boas notas e bom comportamento, e outros por

não possuírem tais critérios são barrados a participar, percebo um mecanismo de gratificação - sanção. A escola busca mostrar aos alunos que quem se enquadra nas normas e obedece as regras da instituição é, de alguma maneira, recompensado e destacado entre os outros. Buscam assim provocar nos alunos indisciplinados o desejo da recompensa. Ao mesmo tempo em que os “bons alunos” são reconhecidos os “maus alunos” são punidos. Pretende-se que eles sejam despertados a terem um comportamento que se encaixe nas normas para receberem também os mesmos benefícios. Arrependendo-se assim, das atitudes e comportamentos indisciplinados. Esse efeito de arrependimento “é diretamente obtido pela mecânica de um castigo.” (FOUCAULT, 1987, p.168) Castigo esse que não faz o uso de forças, mas de uma troca, enfatizando a recompensa aos “bons alunos” e a ausência dela aos “maus alunos”. A escola procura tornar as recompensas pelo bom comportamento alvo de desejo dos alunos, assim, os alunos se sujeitariam as normas para não perderem o direito de serem beneficiados.

4.3 Resistência e confronto

4.3.1 Jogo de confronto

Não vou juntar, não joguei de propósito!

Não vou continuar a aula se ele não juntar esse estojo!

O diálogo acima ocorre entre um aluno e o professor de ciências. Embora o ato de fala seja desses sujeitos, compreendo que ambos os enunciados pertencem a uma determinada rede discursiva em que se insere a subjetividade de cada um dos indivíduos nesse diálogo, ou seja, os enunciados do professor e do aluno são constituídos das verdades que eles compreendem como legítima.

Esse diálogo aconteceu enquanto o professor explicava o conteúdo para turma e um aluno levantando-se da classe, empurrou a mesa ao lado deixando, assim, cair o estojo do colega. O professor solicitou que o aluno juntasse, mas o aluno, por sua vez, não aceitando a forma como o professor falou negou-se, dizendo: *Não vou juntar, não joguei de propósito!* Segundo o docente, após várias tentativas frustradas do aluno juntar o material derrubado, decidiu chamar o setor de monitoria para que o aluno fosse

encaminhado ao setor de orientação (SOE). O aluno demonstrava estar muito indignado com a situação e disse que não iria dirigir-se a ninguém, pois não havia feito nada de mais.

O professor continua dizendo: *Não vou continuar a aula se ele não juntar esse estojo!* A orientadora pedagógica foi até a sala de aula na tentativa de resolver a situação que estava ocorrendo, mas ainda assim o aluno resistia. Afirmava reincidentemente que não iria juntar, pois não havia jogado de propósito. Quando foi questionado pela orientadora sobre o porquê estava agindo com tal comportamento respondeu: *Não gostei como ele falou comigo, se eu juntar ele vai achar que eu fiz de propósito!*

Esse episódio demonstra uma relação de forças na qual o aluno resiste por não aceitar o lugar de poder do professor, pela forma como o professor lhe impõe que ele junte o estojo. Por outro lado, o professor sente a sua autoridade contestada diante dos alunos e, por isso, nega-se a dar aula diante de tal resistência do aluno. Compreendo que o aluno usa uma estratégia de confronto negando-se a fazer o que lhe é ordenado e o professor busca, diante da resistência do aluno, provar que sua autoridade se sobrepõe à recusa.

As relações de poder só existem a partir da existência da insubmissão, ou seja, da indisciplina, da recusa, da resistência ao mecanismo de poder. Isso porque nas relações de poder o sujeito atua sobre um campo de possibilidades, de respostas, de reações e invenções em relação aos mecanismos de poder. Quero dizer que:

O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo -se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. (FOUCAULT, 1985, p. 244)

A resistência é o campo de possibilidades que o sujeito pode atuar com diferentes comportamentos tornando-se uma estratégia de confronto aos poderes. Nessa relação de forças, compreendo resistência como a produtividade do poder, isto é, os mecanismos de poder despertam o sujeito a agir e mover-se, seja para aceitar a ação do poder sobre si ou a recusar tal mecanismo subjetivante. Quando analiso essas relações de força presentes no discurso escolar compreendo que há um jogo de poder no qual o aluno resiste a sujeitar-se ao que o professor ordena e o professor, assim, utiliza de outros mecanismos de poder para alcançar seu objetivo.

Quando os professores formalizam os seus saberes a respeito da disciplina escolar, como nos questionários respondidos para esta pesquisa, suas afirmações diferem daquilo que se faz visível no diário de campo analisado. No documento o mesmo professor afirma

que: *a relação professor aluno é uma relação de amizade, parceria e cumplicidade.* Entendo que a aparente diferença remete a uma verdade pedagógica que ele acredita ser adequada para relação professor e aluno, ou seja, em seu discurso o professor traz exatamente o que compreende como correto para as relações entre docentes e discentes. É assim que esse discurso de verdade subjetiva o docente mesmo que temporariamente. Podemos dizer que, “o discurso desenha, delimita, esboça um lugar para o sujeito ocupar, embora seja um lugar habitado temporariamente, parcialmente, de forma faccionária.” (UBERTI, 2007, p. 61).

O lugar do professor nesse discurso é o de sujeito dessa verdade pedagógica do tempo presente, que afirma a necessidade da boa relação entre professor e aluno. Essa verdade discursiva não é produzida exclusivamente pelo professor, é uma verdade que constitui um lugar de sujeito neste caso, referente aos princípios pedagógicos, que qualquer um pode assumir como seu. Isso não quer dizer apenas que o professor tenha uma teoria e na prática faça outra coisa. Mas do que isso, quer dizer que seu discurso está impregnado da verdade que o constitui na formação como docente.

4.3.2 Juntas somos mais fortes!

Algumas alunas juntas decidiram resistir a um mecanismo de poder no que se refere à obrigatoriedade do uniforme na escola. Quando algum aluno vai para a escola sem o uniforme completo, recebe um bilhete na agenda comunicando aos pais o ocorrido. Na terceira ocorrência do mês, os pais são notificados a comparecer à escola, para uma reunião com a orientação escolar.

Esse tipo de mecanismo de controle deixa muitos alunos insatisfeitos. Um determinado grupo de meninas organizou-se para ir sem uniforme para a escola, na tentativa de protesto ao uso obrigatório do uniforme. Mas a coordenação pedagógica, junto aos professores, não deixou isso passar sem uma punição. Afinal, as alunas estavam resistindo a um mecanismo de poder e, assim, era necessário o uso de outro mecanismo para garantir esse poder. Dessa forma, todo grupo de meninas sem uniforme foi chamado à sala da supervisão para que dessem uma explicação convincente sobre o porquê de todas estarem sem uniforme. A resposta veio de imediato: *Juntas somos mais fortes! Não aceitamos essa coisa de ter que usar sempre o uniforme... Temos o direito de decidirmos o que queremos vestir, pelo menos uma vez lá que outra.*

A aluna demonstra sua insatisfação com o uso do uniforme e instiga a todo grupo, que também está insatisfeito, a não fazer uso do uniforme, em forma de protesto aquele mecanismo de controle. A escola, como instituição que busca disciplinar os alunos conforme o modelo desejável pela sociedade toma, assim, uma atitude no intuito de inibir tais comportamentos de resistência aos discursos de verdade da instituição. Assim, as alunas foram punidas com trabalhos de pesquisa escrito que elas deveriam fazer sobre: “a importância do uniforme”.

Esse mecanismo que a escola utiliza é uma tentativa de que as alunas sejam coagidas pela verdade da instituição escolar. A escola entende que pesquisando sobre a importância do uso de uniforme, pode, fazer com que as alunas percebam que o uso do uniforme é importante para além da escolarização.

Compreendo que a escola busca o uso de outros mecanismos de poder quando percebe que sua verdade está sendo contestada como legítima. Procura mostrar que existe um discurso que fortalece essa ideia do uso do uniforme, com o objetivo de que as alunas se sujeitem a essa verdade e a considerem-na como legítima. Afinal, “[...] essas produções de verdade não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades.” (FOUCAULT, 2003, p.229)

Durante tal ocorrência, a escola busca mostrar que não foi ela quem estabeleceu a padronização ou o uso do uniforme como legítimo, mas que tal uso é o resultado de um conhecimento que paira como verdade sobre algumas instituições. Logo, a relevância do uniforme se dá pelo fato de que essa é uma forma legítima de organização e padronização que já faz parte instituição escolar. A escola recorre à padronização como um discurso que permeia as instituições escolares, na tentativa de provar que seu discurso é legítimo.

Ainda que as alunas resistam à uniformização, a escola produz outro discurso de verdade que legitima a importância do uniforme, com o objetivo de convencer as alunas sobre o uso do mesmo, assim “essas produções de verdade têm elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam.” (FOUCAULT, 2003, p.229) Quando a escola sanciona determinadas verdades ela produz um discurso que faz as alunas a acreditarem na legitimidade da uniformização, pois os efeitos dessa verdade, é que levam as alunas a sujeitarem-se ao mecanismo de poder.

4.4 Adestramento e vigilância: controle de tempo e espaço

4.4.1 Distribuição estratégica

A organização espacial de uma turma nos faz pensar nos recursos de bom adestramento que Foucault problematiza em sua obra “Vigiar e Punir” (1987): o Panoptismo. O *Panóptico de Bentham* é um modelo arquitetural em formato de anel, utilizado centralmente em uma arquitetura, que foi desenvolvida para maior controle e vigilância de diferentes instituições, como hospitais, prisões, manicômios e escolas, o objetivo era que apenas um vigilante do centro da instituição, pudesse fazer esse controle, sem que o sujeito soubesse se estava sendo ou não vigiado.²

Numa das turmas referidas no diário de campo, não há uma torre no meio da sala, nem o professor sobre alguma superfície. Mas a turma é organizada em formato de “U”, no qual os alunos são agrupados em trios nas laterais, uns atrás dos outros. No fundo da sala, os alunos mais “indisciplinados” são colocados um ao lado do outro, sem filas, possibilitando, assim que o professor fique ao meio dessa organização, com os olhos atentos a todos.

Ainda que os alunos, por algum momento, não estejam sendo observados, constroem-se de cometerem algum ato inadequado na sala de aula, pois permeia a dúvida se o professor perceberá ou não, conforme Foucault esse efeito é o mais importante. “Daí o efeito mais importante do panóptico: induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo que descontínua em sua ação.” (FOUCAULT, 1987, p.186) Os alunos não sabem se o professor está ou não os vendo, mas sabem que aquela organização facilita a visibilidade, assim, sentem-se vistos ou, no mínimo perduram com a dúvida.

O professor explica o porquê daquela forma de organização: *“Esse formato de organização é muito melhor! Ele continua: Aprende: você tem maior controle, enxerga a todos e os alunos até podem conversar, pois estão em trios, mas estão de baixo dos seus*

² Recorri a esse recurso arquitetural que Foucault aborda em algumas de suas obras, não por que quero fazer uma análise arquitetônica da instituição, mas porque a forma de organização e distribuição dos alunos na sala de aula traz elementos que remetem a esse modelo arquitetônico.

olhos. Além disso, desaglomera aquele povo que fica aqui na frente, deixando livre o centro fica melhor dividido!

De acordo com Foucault (1987) os espaços disciplinares tendem a dividir o espaço pelos corpos presentes no local, com a intenção de separar, controlar e vigiar. Para o a forma de organização, aceito pela sociedade, é preciso anular os comportamentos não padronizados e para isso se usa mecanismos de controle espacial como uma:

[...] tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante controlar e vigiar o comportamento de cada um [...] A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1987, p.133)

Quando o professor organiza a sala dessa forma, como traz em seu próprio enunciado, é porque compreende que há uma possibilidade maior de controle e vigilância, bem como, reorganiza o espaço para que os alunos não fiquem tão espalhados pela sala. Ainda que um dos alunos queira levantar-se para ir até a classe de outro colega discretamente, será notado, pois terá que atravessar a sala. Se o aluno não realizar alguma atividade será mais fácil o professor perceber, uma vez que o formato de “U” das classes permite uma visão ampla.

O professor está ciente do mecanismo de controle que usa para distribuir os alunos em sala de aula e organizá-los. Seu objetivo com esses mecanismos é, sem dúvida, o controle do grupo, como ele mesmo afirma. Contudo, é interessante ressaltar que ao passo que o professor usa esse mecanismo de controle, também possibilita que os alunos conversem entre os trios. Isso faz com que o grupo aceite como discurso de verdade aquele formato de organização, que de alguma forma os beneficia.

5. POSSIBILIDADES DE SUJEIÇÃO

No exercício dessa pesquisa percebi que as relações de poder entre professor e aluno se dão de diferentes formas, pois a cada mecanismo de poder abre-se diferentes possibilidades de sujeição. Os professores não são sempre o personagem que disciplinam, punem, controlam e vigiam, nem os alunos são as vítimas que sofrem sem ter o direito de manifestar-se. Ao contrário, o poder é uma relação de forças, portanto, as relações de poder entre professores e alunos na escola possuem inúmeras reações. O aluno se sujeita a verdades que o subjetivam, mas quando uma verdade não lhe é legítima busca maneiras de resistir, fazendo o uso de diferentes estratégias de confronto. Isso é tornar-se sujeito. Essa resistência é produzida pelo poder, que de alguma forma subjetiva os alunos, ainda que não seja a forma de subjetividade que a escola busque desenvolver no aluno. Esta é uma das produtividades do poder, pois é fornecido ao sujeito possibilidades de resistência às verdades que ele acredite fazer parte de um discurso legítimo.

No espaço escolar, a resistência está presente tanto quanto a imposição da disciplina, pois ao passo que os alunos são disciplinados e moldados, muitos deles protestam procurando de diferentes maneiras demonstrarem suas insatisfações. Dessa forma, acabam por serem rotulados, muitas vezes, como indisciplinados. Compreendo que a disciplina e o poder produzem no aluno para além do que a escola percebe. Se por um lado o poder molda e disciplina para os modelos da sociedade, por outro lado, ele desperta o aluno a resistir àquilo que não lhe é cabível.

A resistência cria, inventa na busca de se fazer valer. Ainda que isto pareça uma simples recusa, quando o aluno nega-se a cumprir uma das regras instituídas pela escola é porque está resistindo aquele mecanismo de poder. Por isso, pode-se afirmar que o poder gera a indisciplina, uma vez que ele instiga por meio de todos seus mecanismos o sujeito a resistir ao jogo de poder, pois tais mecanismos “vão incitar a colocar no discurso, exatamente o que visa mitigar.” (GUIRADO, 1996, p.68). Dito de outra forma: os dispositivos de poder que se estabelecem para moldar os sujeitos são os mesmos que despertam a resistência. Poderia afirmar, assim, que o poder produz a indisciplina pois

gera novas formas de resistência à sujeição aos discursos de verdade, que constituem os sujeitos da instituição escolar.

Na pretensão de responder a pergunta desse estudo, compreendo que as relações de poder se dão de diferentes formas na escola, não em escala hierárquica, de cima para baixo, no qual sempre o poder está em uma posição privilegiada. Ao contrário, as relações de poder ocorrem em uma forma aberta a possibilidades, pois o poder fornece diferentes condições de o indivíduo sujeitar-se às verdades de seu tempo. Contudo, ao passo que surgem as possibilidades de resistência cria-se a necessidade do uso de outros mecanismos de poder, pois quanto mais resistência se apresenta mais mecanismos de poder são utilizados para manter sua força.

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência.(FOUCAULT, 2003, p.232)

Nessa breve análise pude concluir que, quanto maior a resistência do aluno a sujeitar-se aos mecanismos de poder que a escola produz como verdades, maior são os dispositivos que a escola utilizará para subjetivar os alunos a sua verdade.

As relações de poder se dão de diferentes formas em diferentes contextos, elas não agem de forma violenta, mas de forma aceitável constituindo um discurso de verdade que produz a subjetivação dos sujeitos. Para Foucault, “essas relações de poder utilizam métodos e técnicas muito diferentes umas das outras segundo as épocas e segundo os níveis.” (FOUCAULT, 2003, p. 232) Na escola isso não seria diferente, os mecanismos que se apresentam diante das relações de forças são inúmeros, pois cada resistência incita a outro mecanismo de poder. Por isso, é possível perceber nos detalhes das relações de poder pequenas formas de disciplinamento e subjetivação.

Compreendo que as relações de poder na escola se dão por meio de mecanismos muito sutis e diferentes, como a docilidade, o controle de tempo e espaço, a gratificação-sanção, as diferentes formas de punição, vigilância e adestramento, contudo todas esses dispositivos de disciplinamento buscam a subjetivação dos sujeitos, mas podem ser confrontados, a qualquer momento, por atos de resistência, pois não há relações de poder sem a possibilidade de recusa e de insubmissão. Enfim, “as relações de poder são relações de força, enfretamento, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2003, p.232).

6. REFERÊNCIAS:

AQUINO, Julio Groppa(org). **Indisciplina na escola alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus,1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edição Loyola,1996.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia de Poder- Saber** ; Org e seleção de textos Manoel Barros DA Motta; tradução, Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de pesquisa. São Paulo. N. 114 (nov. 2001), p. 197-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso : 19 de outubro de 2013.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar prevenção e intervenção nos problemas de comportamento**. Porto Alegre. Artmed. 2003.

GUERRA, Vânia Maria Lescano (Org.) **A CRIANÇA, A ESCOLA E OS MICROPODERES: UMA ANÁLISE DAS TÉCNICAS DISCIPLINARES ATRAVESSANDO CORPOS**. Guavira-Letras: Sociedade contemporânea: diversidade e multiculturalismo. Três Lagoas, UFMS, n. 10. Jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.pgletras.ufms.br/revistaguavira/downloads/revguavira010.pdf>. Acesso: 04 de setembro, 2013.

GUIMARÃES, ÁUREA M., **Vigilância punição e depredação escolar**. Campinas Papyrus,1985.

NOGUEIRA ,Eliete Jussara. Série-Estudos: **A construção de subjetividades nas práticas de disciplinamento: narrativas sobre o cotidiano escolar**. Campo Grande, MS n. 34, p. 205-215, jul./dez. 2012. Disponível em <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/94/52>. acesso: 01 de setembro, 2013.

RATTO, Ana Lúcia Silvia. **Disciplina, Vigilância e Pedagogia**. Caderno de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Maio /agosto de 2007.

SAMPAIO, Simone Sobral. **Resistência**. RAGO, Margareth e MARTINS, Adilton Luís (Org). Revista aulas. Unicamp.Campinas. Dezembro 2006/ março 2007. Disponível em: www.unicamp.br/~aulas/pdf3/27.pdf. Acesso: 22 de setembro, 2013.

UBERTI, Luciane. **Escola cidadã : dos perigos da sujeição à verdade**. Porto Alegre UFRGS,2007.

VEIGA - NETO, Alfredo. **Texto para o Simpósio: Espaços e tempos escolares**, no 10º ENDIPE, Rio de Janeiro. 31 de maio de 2000.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Prezado(a) participante:

O presente documento integra parte da pesquisa realizada para fins do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Luciane Uberti. Tendo como o objetivo central analisar a disciplina na escola.

Desse modo, a participação da escola envolve observação em sala de aula e entrevista estruturada com alguns professores. Nesse sentido, tanto a pesquisadora quanto a instituição comprometem-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garantem que os dados e resultados individuais estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

Gostaríamos de esclarecer que a participação é totalmente voluntária, podendo a escola: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à instituição.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente a instituição estará contribuindo para a compreensão do estudo proposto.

Agradecemos antecipadamente a participação e nos colocamos à disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa pelo fone da pesquisadora: (51) 81875823 ou pelo departamento responsável –DEC - (51) 33083267.

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as dúvidas, eu consinto a instituição participar deste estudo e de claro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Scheyla C.S.Limas Diniz

Direção da escola

Porto Alegre ____ de _____ de ____

APÊNDICE B - Questionário realizado com os professores

O presente questionário, apresentado ao corpo docente, integra parte da pesquisa realizada para fins do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna Scheyla Cristina da Silva Limas do curso de Pedagogia. O objetivo central desse estudo é analisar a disciplina no espaço escolar, bem como o que ela produz. Sendo assim, a partir de sua prática docente, bem como suas experiências profissionais responda:

1) Como você percebe a relação professor - aluno e aluno - aluno em sala de aula? _____

2) Quais estratégias você usa para manter a organização dos alunos em sala de aula? _____

3) De que maneira você acredita que seu planejamento Didático - Pedagógico pode lhe auxiliar nessa organização da turma? _____

4) Em seu ponto de vista qual a importância da disciplina? Qual postura que o professor deve ter em sala de aula frente à indisciplina?
